

Ponto de vista: será mesmo que o País não tem jeito?

Alcides S. Amaral *

"Não fu-
jam da crise
brasileira.
Arregacem
as mangas e
a crise será
vencida."
Min. Aníbal
Cavaco.



No momento em que as previsões mais pessimistas de mercado ficam confirmadas pelo avanço da inflação em janeiro, é natural que um certo desânimo tome conta não apenas dos agentes econômicos mas, principalmente, da classe trabalhadora. Será que tanto sacrifício, achamento salarial e o fantasma do desemprego foram em vão? Será que o Brasil não tem jeito mesmo?

Não é bem assim. Certamente que o pulo de 2,6% — medido pela FIPE — em relação a dezembro de 1991 era inesperado, mesmo com a aceleração dos ajustes tarifários e algumas remarcações exageradas. O excesso de cruzeiros no mercado, provenientes da liberação dos cruzados e dos bons resultados da balança cambial, é um complicador a mais. Entretanto, as perspectivas de uma safra agrícola promissora e a postura firme e obstinada da equipe econômica fazem com que sejamos obrigados a continuar acreditando que a batalha ainda não terminou. Ela é e permanecerá sendo árdua, mas, feliz ou infelizmente, não somos nós apenas que temos problemas. Não se trata de conformismo perante a miséria dos outros, mas, sim, uma visão um pouco mais macro, de entendimento do que acontece no mundo que nos cerca.

Tendo retornado recentemente de Nova York, tivemos a oportunidade de vivenciar uma semana rica de experiências que se pouco ajudam para a solução dos nossos problemas nos dâ, pelo menos, a certeza de acreditar que nem tudo está perdido.

A falta de credibilidade que tanto reclamamos não é privilégio do governo Collor. O presidente Bush, empenhado que está em revigorar a declinante economia norte-americana, foi à televisão para expor seu plano econômico, todo ele recheado de medidas práticas para aquecimento da economia. Mudanças que afetariam de imediato o bolso do contribuinte norte-americano propiciando-lhe melhores condições para consumir.

E o que se viu!

No dia seguinte, jornais, economistas, analistas políticos e comentaristas de televisão foram quase unâmes em afirmar que o plano não passava de um ajuste temporário, próprio de ano eleitoral. Que os

problemas estruturais não estavam sendo atacados e, portanto, a eficácia das medidas programadas teria efeito efêmero. E, para confirmar, a bolsa caiu cerca de 40 pontos, isto é, mais de 1%, num país em que a inflação anual gira em torno de 5%.

Não bastasse, a famosa Macy's, a maior loja de departamento dos Estados Unidos, entrava em concordata, fato corriqueiro na vida recente do americano. E tudo isso num período em que as taxas de juro aplicadas pelo Federal Reserve Board (Fed, banco central norte-americano) são as mais baixas dos últimos vinte anos.

O colapso do comunismo e o desmoronamento da ex-URSS e de alguns países do Leste europeu — até recentemente considerados alternativa de investimento para os países desenvolvidos — estão igualmente bem vivos em nossa memória para demonstrar que os problemas que o mundo enfrenta são complexos e, portanto, de difícil solução.

Nem tudo são espinhos, diria, entretanto, aquele mais observador. A América Latina, que na primeira metade da década de 80 era sinônimo de decadência, terminou os anos 80 como sinal de oportunidade. Países como Chile, México, Uruguai e, apesar dos conflitos recentes, a própria Venezuela são considerados exemplos de quem está fazendo o trabalho de casa. O que é verdade e não há como discordar. Só que leva tempo, anos de muita seriedade e perseverança.

E é exatamente na seriedade e na perseverança da equipe econômica que aí está que estão depositadas as esperanças daqueles que ainda não deixaram de acreditar. A própria equipe do FMI, que durante mais de quatro meses conviveu diuturnamente com nossas autoridades, não deixa de reconhecer que temos pessoas sérias, competentes e com profundo conhecimento da complexa realidade brasileira.

Os avanços efetuados na abertura da economia, no programa de privatização e no ajuste do setor público são significativos em qualquer circunstância. E a verdadeira guerra que está sendo declarada à fraude e à sonegação é sinal importante de que queremos mudar.

E, se a trilha for de fato seguida, faça chuva ou faça sol, não será apenas uma questão de perspectiva. Estaremos lá, no ponto de largada, quando o novo século chegar.

* Membro do conselho diretor da Febraban, diretor da Andima e vice-presidente da Associação Brasileira de Bancos Internacionais.